

**DO
OWINSLOW**
INVERNO
DE
FRANKIE
MACHINE

O INVERNO DE FRANKIE MACHINE

DON WINSLOW

**O inverno de
Frankie Machine**

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE RAPOSO



Copyright © 2006 by Don Winslow
Todos os direitos reservados

TÍTULO ORIGINAL
The winter of Frankie Machine

PREPARAÇÃO
Julia Sobral Campos

REVISÃO
Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W743i

Winslow, Don

O inverno de Frankie Machine / Don Winslow ;
tradução Alexandre Raposo. – 1. ed. – Rio de Janeiro:
Intrínseca, 2014.

352 p. ; 23 cm

Tradução de: The winter of Frankie Machine
ISBN 978-85-8057-548-4

1. Romance americano. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

14-11971.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Bill McEneaney
Professor, amigo, virtuoso na arte da vida

Dá muito trabalho ser eu.

É o que pensa Frank Machianno quando o despertador toca às três e quarenta e cinco da manhã. Ele rola para fora da cama e sente o frio chão de madeira sob os pés.

Ele está certo.

Dá *mesmo* muito trabalho ser ele.

Frank caminha pesadamente sobre o chão de madeira, que ele mesmo lixou e envernizou, e entra no chuveiro. Leva apenas um minuto para tomar banho, uma das razões para manter curto seu cabelo grisalho.

— É mais rápido de lavar — é o que diz para Donna quando ela se queixa.

Ele se enxuga em trinta segundos; então, enrola a toalha na cintura — que ultimamente anda um pouco maior do que ele gostaria —, faz a barba e escova os dentes. A caminho da cozinha, passa pela sala de estar, onde pega um controle remoto, aperta um botão, e as caixas de som começam a tocar *La Bohème* bem alto. Uma das coisas bacanas a respeito

DON WINSLOW

de morar sozinho — talvez a única coisa boa a respeito de morar sozinho, pensa Frank — é que você pode ouvir ópera às quatro da manhã e não incomodar ninguém. E a casa é sólida, com paredes grossas, como as de antigamente, de modo que as árias de Frank cedo pela manhã também não perturbam os vizinhos.

Frank tem dois ingressos de temporada para a Ópera de San Diego, e Donna é gentil o bastante para fingir que realmente gosta de acompanhá-lo. Ela até fingiu não perceber quando ele chorou ao final de *La Bohème*, na morte de Mimi.

Agora, ao entrar na cozinha, ele canta com Victoria de los Angeles:

“...*ma quando vien lo sgelo,
il primo sole è mio
il primo bacio dell'aprile è mio!
il primo sole è mio!...*”

Frank adora a sua cozinha.

Ele mesmo aplicou os clássicos azulejos preto e branco do piso e instalou os balcões e armários com a ajuda de um amigo carpinteiro. Encontrou a velha bancada de açougueiro em um antiquário em Little Italy. Estava em péssimo estado quando a comprou — ressecada e começando a rachar — e Frank passou meses esfregando óleo para que a peça voltasse à condição original. Mas ele a adora por suas imperfeições, suas bordas lascadas e marcas — “distintivos de honra” como ele as chama, por anos e anos de serviço fiel.

— Veja, outras pessoas *usaram* isso aqui — disse para Donna quando ela perguntou por que ele simplesmente não adquirira uma nova, que ele podia ter comprado facilmente. — Você chega perto e pode até sentir o cheiro do canto que usavam para cortar o alho.

— Italianos e suas mães — disse Donna.

— Minha mãe cozinhava bem — respondeu Frank. — Mas era meu pai quem cozinhava *de verdade*. Ele me ensinou.

E ensinou bem, pensou Donna na ocasião. Seja lá o que você ache de Frank Machianno — tipo, que ele pode ser um verdadeiro pé no saco —, o cara sabe cozinhar. Também sabe como tratar uma mulher. E talvez os dois atributos não estejam dissociados. Na verdade, foi Frank quem apresentou tal ideia a ela.

— Fazer amor é como fazer um bom molho — disse-lhe certa noite, na cama, durante o “rescaldo”.

— Frank, pare de falar enquanto seu time está ganhando — disse ela. Ele não parou.

— Você precisa ser paciente, usar a *quantidade* certa dos temperos certos, saborear cada um deles, então aumentar o fogo *lentamente* até começar a borbulhar.

O charme peculiar de Frank Machianno, pensou ela, deitada ao seu lado, é que ele compara o seu corpo a um molho à bolonhesa e você não o chuta da cama. Talvez porque ele realmente se importe com aquilo. Ela já ficou sentada no carro enquanto ele dirigia de um lado para outro da cidade, indo a cinco lojas diferentes em busca de cinco ingredientes diferentes para fazer um único prato. (“As *salsiccie* do Cristafaro’s são *melhores*, Donna.”) Ele dedica a mesma atenção aos detalhes na cama e realmente faz, digamos assim, o molho ferver.

Esta manhã, como em todas as outras, ele pega grãos crus de café havaiano Kona de um pote fechado a vácuo e acrescenta algumas colheres no pequeno torrador que comprou de um desses catálogos de chefe que recebe sempre pelo correio.

Donna vive reclamando desse negócio de grãos de café.

— Compre uma cafeteira automática com um timer — dizia ela. — Assim, o café já estaria pronto quando você saísse do banho. Talvez até pudesse dormir mais alguns minutos.

— Mas não seria tão bom.

— Dá muito trabalho ser você — disse Donna.

O que posso dizer?, pensou Frank. Dá *mesmo*.

— Já ouviu a expressão “qualidade de vida”? — perguntou ele.

DON WINSLOW

— Sim — disse Donna. — Geralmente se referindo aos doentes terminais, especulando se devemos ou não desligar os aparelhos.

— Isso é uma questão de qualidade de vida — respondeu Frank.

E é mesmo, pensa ele esta manhã enquanto desfruta do aroma dos grãos de café torrando e põe a água para ferver. Qualidade de vida diz respeito às *pequenas* coisas — fazê-las bem, fazê-las *direito*. Ele pega uma pequena frigideira na prateleira acima da bancada de açougueiro e a põe sobre o fogão. Acrescenta uma fina lâmina de manteiga e, quando ela começa a borbulhar, quebra um ovo na frigideira e, enquanto frita, corta pela metade um bagel de cebola. Então, cuidadosamente solta o ovo do fundo com uma espátula de plástico (*apenas* de plástico. O metal arranharia a superfície antiaderente, que é algo de que Donna parece não se lembrar, motivo pelo qual não tem permissão de cozinhar na *cucina* de Frank), pousa-o sobre uma das fatias do bagel, põe a outra por cima e embrulha o sanduíche de ovo em um guardanapo de linho para mantê-lo aquecido.

Donna, é claro, implica com Frank.

— É um *ovo* — diz ele —, não uma granada de mão.

— Você tem sessenta e dois anos, Frank — afirma ela. — Precisa ficar de olho no seu colesterol.

— Não. Descobriram que isso não é verdade, sobre os ovos — disse ele. — Era uma falsa acusação.

Sua filha, Jill, também o aborrece com isso. Ela fez algumas matérias de medicina e então, é claro, ela sabe tudo. Ele a contradiz.

— Você ainda não é médica — diz ele. — Quando for uma *médica* poderá fazer sermão a respeito dos ovos.

Estados Unidos da América, pensa Frank. Somos o único país que tem medo da própria comida.

Quando o letal sanduíche de ovo fica pronto, os grãos de café estão torrados. Ele os tritura no moedor por exatos dez segundos, põe o café moído na cafeteira francesa, derrama a água fervente e deixa tudo repousar durante os quatro minutos sugeridos.

Esses minutos não são desperdiçados.

Frank os emprega para se vestir.

— Como um ser humano civilizado pode se vestir em quatro minutos foge à minha compreensão — observou Donna certa vez.

É fácil, pensa Frank, especialmente quando você separa as suas roupas na noite anterior e está indo a uma loja de iscas. Por isso, esta manhã, ele veste uma cueca limpa, grossas meias de lã, uma camisa de flanela e um velho par de jeans, então senta na cama e calça as botas de trabalho.

Quando volta à cozinha, o café está pronto. Ele o derrama em uma caneca de metal para viagem e toma o primeiro gole.

Frank adora esse primeiro gosto de café. Especialmente quando é torrado, moído e passado na hora.

Qualidade de vida.

As pequenas coisas são importantes, pensa ele.

Ele tampa a caneca para viagem e a deixa sobre o balcão para pegar e vestir o velho pulôver com capuz pendurado em um gancho na parede. Então, enfia na cabeça um boné de lã preta e busca as chaves do carro e a carteira em seus respectivos lugares.

Daí, pega o *Union-Tribune* da véspera, do qual reservou as palavras cruzadas. Ele as faz no fim da manhã, quando o negócio de iscas está calmo.

Frank pega o café, o sanduíche de ovo, desliga o aparelho de som e está pronto para partir.

É inverno em San Diego e faz frio lá fora.

Tudo bem, está *relativamente* frio.

Não é como em Wisconsin ou Dakota do Norte — não é o tipo de frio doloroso no qual seu motor não pega e seu rosto parece que vai rachar e cair, mas qualquer lugar no hemisfério norte está ao menos friozinho às quatro e dez da manhã em janeiro. Especialmente, pensa Frank ao entrar em sua picape Toyota, quando você está no lado errado dos sessenta anos e demora um pouco até seu sangue esquentar pela manhã.

Mas Frank adora a madrugada. São as suas horas favoritas.

É seu momento de tranquilidade, a única parte de seu dia atribulado que é verdadeiramente calma, e ele adora observar o sol nascer sobre as colinas a leste da cidade e ver o céu sobre o mar ficar cor-de-rosa enquanto as águas mudam de preto para cinza.

Mas isso vai demorar um pouco.

Ainda está escuro lá fora.

Ele sintoniza uma rádio AM local para ouvir a previsão do tempo.

Chuva e mais chuva.

Uma grande frente vinda do Pacífico Norte.

Ele mal presta atenção quando o locutor narra as notícias locais. São as de sempre: mais quatro casas em Oceanside desabaram devido aos deslizamentos de terra, os auditores municipais não conseguem decidir se a cidade está ou não à beira da falência, e os valores imobiliários voltaram a subir.

Então, há o escândalo na câmara municipal — a operação G-Sting do FBI que resultou no indiciamento de quatro vereadores por terem aceitado suborno de donos de clubes de striptease para vetarem o decreto que proíbe o “toque” nos clubes. Alguns tiras da delegacia de costumes foram pagos para fazer vista grossa.

Sim, é notícia, mas não é novidade, pensa Frank. Por San Diego ser uma cidade portuária da Marinha, o mercado de sexo sempre representou parte considerável da economia. Subornar um vereador para que um marinheiro possa tirar um sarro com uma dançarina é praticamente um dever civil.

Mas, se o FBI quer perder tempo com strippers, Frank não tem nada a ver com isso.

Ele não vai a um clube de striptease há... o quê? uns vinte anos?

Frank volta à estação de música clássica, abre o guardanapo de linho sobre o colo e come o sanduíche de ovo enquanto dirige até Ocean Beach. Ele gosta daquele gostinho de cebola do bagel contrastando com o gosto do ovo e o amargo do café.

Foi Herbie Goldstein — que descanse em paz — que o fez começar a gostar de bagels de cebola, nos tempos em que Vegas ainda era Vegas e não uma Disney World com mesas de jogos. Na época em que Herbie, com seus cento e setenta quilos, era um jogador improvável e um sedutor mais improvável ainda. Haviam passado a noite inteira acordados, fazendo a ronda dos shows e dos clubes com um par de belas garotas, e Herbie de alguma forma entrou em sua vida. Decidiram sair para tomar café da manhã, quando Herbie convenceu um Frank relutante a experimentar um bagel de cebola.

— Vamos lá, seu carcamano — dissera Herbie na ocasião. — Amplie os seus horizontes.

Foi algo bom que Herbie fizera para ele, porque Frank adora seus bagels de cebola, mas apenas quando os encontra frescos — feitos naquela pequena delicatessen kosher em Hillcrest. Enfim, o sanduíche de ovo com bagel de cebola é um destaque de sua rotina matinal.

— Gente normal se *senta* para tomar café da manhã — diz Donna.

— *Estou* sentado — responde Frank. — Sentado e dirigindo.

Como é mesmo que Jill chama isso? Os jovens de hoje acham que inventaram esse negócio de fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo (deveriam ter tentado criar filhos antigamente, antes das fraldas descartáveis, das máquinas de lavar e de secar e do micro-ondas), de modo que inventaram um nome chique para isso. É, “multitarefa”. Sou como os jovens, pensa Frank. Sou multitarefa.

Frank Machianno, empresário comprometido com seu trabalho, amante feroz, surfista nas horas vagas e pai orgulhoso, é um dos notórios pilares de sua comunidade. Frank, porém, já foi um temido assassino de aluguel, outrora conhecido como Frankie Machine por causa de sua eficiência. Agora, alguém do passado o quer morto e, após um atentado malsucedido, Frankie decide descobrir quem são seus potenciais assassinos. Mas a lista de suspeitos é mais extensa que o litoral da Califórnia.

Com a máfia nos seus calcanhares e os policiais na sua cola, Frankie arquiteta um plano para proteger sua família, salvar sua vida e escapar para sempre da máfia. Mas é então que as coisas começam a ficar verdadeiramente complicadas.

Ao transpor para o papel, com riqueza de detalhes, a violência inata ao mundo da máfia, Don Winslow faz de *O inverno de Frankie Machine* um *thriller* eletrizante, impossível de largar. Uma história que confirma o status de seu autor como um mestre do gênero.

“Um *thriller* envolvente. Assim como o personagem principal de seu livro, o Sr. Winslow é bom no que faz.”

The Wall Street Journal

“Don Winslow é um dos melhores.”

The Times Literary Supplement

“Winslow tem ritmo cinematográfico, potente ironia e grandes saídas.”

People

“A habilidade de Winslow é impressionante e suas tramas e personagens brilhantemente concebidos tornam este livro um *tour de force*.”

The Sunday Telegraph

